

A memética e a linguagem

Dilma Mello¹

Este artigo tem como objetivo tecer algumas considerações sobre meme e linguagem, tendo como base histórias pessoais frutos da interação com meus amigos e alunos ao longo de minha vida e de minha experiência docente. Mais especificamente, pretende-se discutir a repetição do discurso que às vezes parece limitar nossas ações.

Mas o que é meme? Todos que lidam diariamente com computadores já devem ter visto a palavra meme em alguns programas, no entanto creio que poucos tiveram curiosidade para buscar seu significado. De acordo com o Novo dicionário Aurélio, meme é um termo de origem latina que vem de memento e significa lembra-te. Este termo, porém, vem sendo utilizado com diferentes conceitos por diversos autores. Para desenvolver este artigo, utilizo os conceitos de meme presente nos estudos de Blackmore (2001) e Meneghetti (2001).

Para Blackmore (2001), o maior proponente da memética foi o filósofo Dan Dennet, que expõe a idéia do meme como um replicador. Citando Dawkins, esta autora diz ainda que tudo que aprendemos por imitação de alguém é um meme, incluindo todas as palavras de nosso vocabulário, as estórias que conhecemos, as habilidades e hábitos que tomamos de outras pessoas e até as brincadeiras, as canções e os jogos de que gostamos, além das regras as quais obedecemos. Meneghetti (2001), por sua vez, conceitua meme como uma “Unidade de base para a difusão de idéias, culturas, estereótipos” (p.101). Ainda segundo este autor, meme é uma “Idéia que, uma vez posta no cérebro que a hospeda, influencia os eventos e em modo tal a criar outras cópias de si mesma ou variáveis estruturais.”

Na área de informática, o meme é uma espécie de linguagem de comando que faz com que a máquina repita uma operação sempre que estiver diante de uma atividade específica, como por exemplo, a resposta automática disparada quando se recebe uma mensagem de e-mail. Em nosso dia a dia, um exemplo de meme observado e que todos já devem ter vivido, é aquele momento em que ao chegarmos em casa quando as luzes já estão acesas, em um movimento mecânico tendemos a por a mão no interruptor, mesmo sabendo que não é necessário. Esse ato seria motivado por uma informação registrada em nosso cérebro que nos faz responder sempre da mesma forma a uma determinada situação, exatamente como se procede na área de informática.

Na linguagem, o meme se realiza em algumas frases que, assim como os comandos do computador, parecem estabelecer em nós um comportamento automático e mecânico. Um exemplo disso pode ser o “obrigado”, que por vício teima em aparecer mesmo quando quem fez o favor fomos nós. Quem já não se flagrou dizendo obrigada

¹ Doutoranda e mestre em Lingüística Aplicada e Professora do curso de Relações Internacionais do Centro Universitário Belas Artes.

Vol. 2 – nº1, 2003

ao finalizar uma conversa ao telefone, quando deveria ter sido a outra pessoa a fazê-lo? Uma outra situação similar seria pedir desculpas quando quem teve o pé pisado fomos nós. Cabe ainda ressaltar um episódio ocorrido comigo, em relação ao uso do telefone celular, no qual o meme se fez presente: ao pegar o telefone, ouço uma voz “Oi, João!” e respondo em seguida “Não tem ninguém aqui com esse nome”.

Provavelmente, havia um monte de João ao meu lado, já que eu estava em uma praça de alimentação. Ri de mim mesma e quem ligou deve ter rido de mim também, fora as pessoas ao meu lado me ouvindo falar como se eu estivesse em casa sentada no sofá da sala, “Não tem ninguém aqui com esse nome!”. Larguei o lanche pela metade, guardei o telefone na bolsa e levantei assim como quem estava muito atrasada para uma reunião de negócios e saí para explodir em gargalhadas assim que virei a primeira esquina.

Estes exemplos ilustram o mesmo tipo de mecanismo utilizado na área da computação, quando o programa faz disparar uma ação no computador, como já dito anteriormente. No caso do ser humano, parece que o corpo tem momentos de independência nos quais fazemos coisas que não queremos realmente fazer e sobre as quais nem refletimos para decidir sobre nossa ação. Se por um lado, essa memética parece interessante e útil, como no caso da resposta de e-mail ou para dirigir, por exemplo, pois os movimentos para manter o carro funcionando vão saindo automaticamente, por outro lado pode nos tornar um pouco robóticos e repetitivos e o que é pior, pode nos fazer passar a gostar de tudo que funciona dessa forma. E é este último aspecto que me faz escrever este artigo, pois tenho visto no discurso de nosso dia a dia uma linguagem carregada de memes.

Não é mais surpresa quando você liga para uma empresa para fazer uma reclamação ou resolver um problema, e embora o mesmo não seja resolvido, o interlocutor diga frases como “mais alguma coisa, senhora?” ou “a empresa X agradece ...”, com um tom de cordialidade talvez inadequado tendo em vista a falta de solução para o problema apresentado. Em nosso dia a dia, há também falas como “viu?” e “não” que teimam em aparecer no início de uma resposta ou mesmo para iniciar uma conversa, sem nada que justifique sua utilização. Com certa frequência, tenho acompanhado atentamente alguns programas de entrevistas e quase sempre os entrevistados iniciam uma resposta com a palavra “não”, quando na verdade ao final de sua fala percebe-se que a resposta era positiva.

Linguisticamente falando, seria possível analisar esses casos como um vício de linguagem, mas fica um vazio que nos leva a questionamentos tais como, de onde vem esse vício? Como e por que ele iniciou-se? O “né” e o “tá” utilizados ao final de nossas frases, por exemplo, têm um certo sentido, pois estamos procurando apoio, talvez em um momento de nervosismo. Seria algo como: não é verdade? Não estou certa? Ta bom? Ta agradando? Mas creio que o “viu” e o “não” de que falo fogem a esse comportamento linguístico porque surgem em frases com as quais não parecem estabelecer conexão alguma, e por isso creio ser possível considerá-los como memes.

No entanto, é necessário ressaltar que, assim como afirma Blackmore (2001), “os memes são passados adiante por imitação”, não sendo, portanto, memes todas as formas de comunicação, todas as idéias e comportamentos, a não ser quando passados adiante

por pura imitação. Nesta perspectiva, para evitarmos a expansão de memes que mecanizam nossa linguagem e nosso comportamento, segundo esta autora, é necessário desenvolver um processo de aprendizagem por tentativa e erro ou por feedback. Diante desta afirmação, fica patente que o meme só se aloja em nossa mente e se propaga se não houver reflexão, problematização, oposição, conscientização, estudo e reelaboração.

Contudo, o discurso da repetição infelizmente tem sido muito freqüente, basta ler os jornais e assistir aos telejornais, por exemplo, nos quais as notícias são propagadas exatamente da mesma forma, com o mesmo texto que aliás é aquele que lemos nas páginas da Internet. É também grande o número de trabalhos “clonados” que os alunos entregam aos professores. Enfim, o discurso memético tem sido tão freqüente que há sempre uma grande reação quando é preciso criar, problematizar, decidir. O que se vê em geral é que aprender não importa, o que importa é repetir o que o professor diz ou o que se lê nas páginas da Web, atender bem um cliente, observando suas singularidades não importa, o que importa é dizer a frase que está no script previamente definido. Nesse contexto, o discurso vai impondo, moldando, impedindo a criatividade e a construção de conhecimento, além de colaborar para a perpetuação de um discurso de passividade que parece insistir em se manter em cada indivíduo e por que não dizer, na sociedade.

Referências bibliográficas

- BLACKMORE, S. (2001) O Poder do Meme: waking from the Meme dream the Psychology of awakening: Na international Conference on Buddhism, Science and Psychotherapy, Dartington, 9 November 1996.
- DAWKINS,R. (1993) Viruses of the mind. Em B.Dahlbohm (ed) Dennett and his Critics: Demystifying Mind. Oxford, Blackwell.
- DENNETT,D. (1991). Consciousness Explained. Boston, Little, Brown.
- DENNETT,D. (1995) Darwin's Dangerous Idea, London, Penguin
- MENEGHETTI, A (2001a) Princípios de Ontopsicologia; tradução Adriana dos Reis. Brasília: Ontopsicologia Editrice.
- MENEGHETTI, A (2001b) Dicionário de Ontopsicologia, tradução Adriana dos Reis São Paulo: Ontopsicologia Editrice.
- MENEGHETTI, A (2001c) O Meme como novo paradigma de análise cultural, tradução Adriana dos Reis. Revista Nova Ontopsicologia, 2:04-12, Roma: Psicologia Editrice.

